

CADERNOS DA JUVENTUDE

*ensaio
novela
poesia
inquérito*



COIMBRA
ARMÉNIO AMADO, EDITOR
1937

Shi

CADERNOS DA JUVENTUDE

*ensaio
romela
poesia
inquirito*

EDIÇÃO FACSIMILADA



CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA
1997

FICHA TÉCNICA

Título: *Cadernos da Juventude* – Edição facsimilada

Editor: Câmara Municipal de Coimbra

Data: Novembro de 1997

Tiragem: 1000 exemplares

Impressão e Acabamento: Tipografia Lousanense, Lda. – Lousã

Depósito Legal: 116016/97

ISBN: 972-97542-0-9

APRESENTAÇÃO

Em 18 de Novembro de 1937 — há precisamente sessenta anos — acabou de imprimir-se, na Tipografia Lousanense, da Lousã, uma publicação intitulada *Cadernos da Juventude*. Editada por Arménio Amado, Editor, de Coimbra, iria no entanto ser apreendida na própria tipografia pela PVDE, a polícia política de então, sendo o seu destino a destruição pelo fogo na sede da instituição, situada no edifício do Governo Civil, instalado então no desaparecido Colégio dos Lóios, vítima da voragem destruidora que se abateu sobre a Alta Coimbra.

Se um eventual reduzido número de exemplares se salvou, o certo é que é apenas conhecido um, salvo providencialmente na tipografia antes da apreensão, e que faz parte do espólio da Biblioteca Municipal de Coimbra. Justifica-se, pois, assinalando a efeméride, que agora se reedite a publicação em edição facsimilada do exemplar conhecido, como forma de dar a conhecer o seu conteúdo e as razões que ditaram o seu aparecimento, cuja divulgação seria frustrada pela intervenção da polícia salazarista.

Naquela época, um grupo de jovens então em Coimbra, ou que em breve a ela afluíam, mantinha em várias publicações, nomeadamente em pequenos jornais de província, uma activa colaboração literária em que expressavam as suas preocupações sociais e as suas tendências culturais, marcadas por uma forte intervenção na vida quotidiana. Para além de jornais como *O Diabo*, de Lisboa, ou *O Sol Nascente*,

do Porto, igualmente saído nesse ano de 1937, um pouco por todo o país revistas e suplementos de jornais regionais incluíam trabalhos desses novos, que viriam a congregar-se no movimento que passaria para a história da Literatura Portuguesa com o nome de Neo-realismo. Os exemplos são muitos. Citem-se os casos de um efêmero jornalzinho de estudantes liceais, *Ensaio*, de que o primeiro e único número saiu em 1932, dirigido por Políbio Gomes dos Santos e Ivo Cortesão, ou de *Alvorada*, de alunos do Liceu José Falcão, que, sob a direcção de Fernando Namora, iniciou a sua publicação em 1935. E ainda as revistas *Alma Nova*, de Braga, e *Alma Académica*, do Porto, sem esquecer os muitos suplementos literários de jornais regionais e revistas que, de norte a sul do país, contaram com colaboração do grupo: *Acção Literária*, do jornal *Mocidade*, de Ponte de Sor, *Página Literária*, dos *Ecos de Sintra*, *Ensaio*s, secção literária da *Renovação*, de Vila do Conde, *Comércio dos Novos*, do *Comércio da Póvoa de Varzim*, *Páginas Literárias*, da *Gazeta de Coimbra*, *Página de Gente Moça*, do semanário *O Trabalho*, de Viseu, *Do Espírito Literário*, suplemento dos *Ecos do Sul*, de Vila Real de Santo António, ou a *Página dos Novos*, do *Independência de Águeda*, onde é referido expressamente que «os rapazes que aqui trabalham, orientando e colaborando, são, na sua quase totalidade, estudantes de Coimbra». De referir, também, as revistas *Pensamento*, do Porto, *Síntese* e *Nova Luz*, ambas de Coimbra, bem como algumas publicações que, tendo embora uma orientação diferente, contaram com a colaboração de escritores neo-realistas, como é o caso do jornal *Via Latina*, órgão da

Associação Académica, da revista *Manifesto*, da *Revista de Portugal*, de *O Instituto* e da própria *Presença*, todas de Coimbra. É ainda de salientar a revista *Altitude*, dirigida por Coriolano Ferreira, Fernando Namora, João José Cochofel e Joaquim Namorado⁽¹⁾. Mais tarde, com o desaparecimento de muitas dessas publicações, a que frequentemente a censura não foi alheia, os esforços desse grupo de jovens, a que o cultivo das letras dera maior maturidade, vêm a congregar-se à volta da revista *Vértice*, que embora tivesse publicado 3 números desde a sua fundação, em 1942, viria, em 1945, a receber um decisivo impulso, transformando-se numa das mais importantes revistas culturais do país, e verdadeiro órgão oficioso do movimento neo-realista português.

É, pois, nesse contexto, que surgem os *CADERNOS DA JUVENTUDE*, que vieram a constituir, apesar de não verem a luz do dia, um momento de viragem extremamente importante nos objectivos dessa geração. Em plena Guerra Civil de Espanha, mais de dez anos depois do 28 de Maio e com o «Estado Novo» consolidado, uma geração rebelde de novos vinha expor as suas convicções, afirmar os seus anseios, gritar a força da sua juventude.

Os encontros eram na Associação Académica, nas mesas dos cafés, em casa de João José Cochofel, cenáculo aglutinador de uma geração que aí encontrava as obras literárias, artísticas e musicais, que as bolsas magras dos seus componentes não permitiam

(1) Cf. A imprensa periódica na génese do movimento neo-realista. Org. de António Pedro Pita e Luís Augusto Costa Dias. Vila Franca de Xira, Museu do Neo-Realismo, 1996.

adquirir. Ouçamos o testemunho de Fernando Namora:

«Não é altura de evocar factos que estão na origem de tantos combates da geração do *Novo Cancioneiro*; estive dentro de alguns, de outros participei. Apenas quero referir-me a um cunho indelével: a amizade, que juntou modos de ser tão dessemelhantes como João José Cochofel, Carlos de Oliveira, João Gaspar da Costa, Joaquim Namorado, uns tantos mais, e que, mesmo quando as interferências parasitárias a fizeram turvar, persistiu até à hora da verdade, que é quase sempre a final. Coimbra, para nós, era a Associação Académica, a 'Brasileira' com Afonso Duarte, a 'Central' com Torga e Quintela, mas sobretudo as tardes ou os serões em casa do Cochofel, cuja mãe, mulher de estirpe, a sentíamos como nossa mãe. Nessas tertúlias, se atearam muitas das labaredas da minha geração. E, repito, em particular as do companheirismo» (2).

E, referindo-se concretamente aos *Cadernos*, escreve noutro local o mesmo autor, ao evocar a figura de Augusto dos Santos Abranches, a cuja iniciativa editorial ficou a dever-se «o primeiro e único volume dos *Cadernos da Juventude*, que pretendiam congregar os novos dos vários centros literários do País. Estes *Cadernos* eram dirigidos por Joaquim Namorado, Políbio Gomes dos Santos, Cochofel e alguns mais, e creio que da fogueira

(2) NAMORA, Fernando — Autobiografia. Lisboa, Ed. «O Jornal», 1987, p. 28.

ateada em sua honra nos pátios do governo civil apenas se salvaram três exemplares. Foi o nosso primeiro encontro com a fúria inquisidora» (3).

Que pretendiam aqueles jovens? Os seus objetivos estão explanados no prefácio, não assinado, como que a marcar uma posição colectiva:

«Dar decisivo impulso, à obra já encetada, da europeização da nossa vida mental — eis o fim de toda a iniciativa séria, que se reclama da inteligência e da cultura viva.»

E logo de seguida:

«E, sendo assim de uma maneira geral, por maioria de razão o será no caso presente, tratando-se, como de facto acontece, de um empreendimento de novos, destinado aos novos.»

E prossegue o prefácio, apontando as adversidades da hora que se atravessava:

«Embora conscientes de que o momento presente é mais para afastar a vida intelectual, para a trair mesmo, do que para dar-lhe o merecido relevo, nós somos ainda daqueles idealistas de sempre que, em pleno incêndio devastador, ainda lograram calma para pôr as ideias acima das pessoas, a humanidade acima dos indivíduos, a razão acima dos instintos e a verdade acima dos interesses.»

(3) NAMORA, Fernando — Um cavaleiro de esperanças, *in* "Um sino na monfanha". 4.^a ed. Amadora, Bertrand, 1976.

Jovens, não se arrogavam da verdade absoluta, de todo o saber:

«A mais bela missão da juventude está, segundo julgamos, em trazer sugestões, em arejar, mais do em que dar respostas pretensamente definitivas aos grandes problemas de sempre, cuja solução não pertence somente aos homens de hoje.»

Como novos, afirmam com confiança esperançosa:

«Para nós, a juventude vale na medida em que possui a consciência da sua universalidade e a noção bem viva da sua posição no mundo como elemento essencial de fecunda transformação.»

E, enfim, o sonho, frustrado embora, como se veria, ali estava:

«A publicação destes cadernos era uma necessidade sentida por todos os novos. Com efeito notava-se a falta de uma tentativa de reunir em volumes separados, completamente independentes uns dos outros, e sem encargos de periodicidade certa, as manifestações da actividade da juventude nos seus aspectos culturais mais importantes: ensaios, novela, poesia.»

Mas, como jovens, não rejeitavam a colaboração dos mais velhos. E, para tal, «impunha-se, além disso, recolher depoimentos com interesse para a juventude, das figuras mais representativas da cultura portuguesa actual. Daí a nossa secção *Inquérito*».

Quem eram então os colaboradores daquele «empreendimento de novos, destinado aos novos»?

Com uma capa da autoria de António José Soares, os *Cadernos da Juventude* inserem também um desenho de Fernando Namora, que já então repartia a sua actividade entre a literatura e a arte.

Na parte literária, cumpre-se o escrito no prefácio, como aspectos culturais mais importantes: ensaio, novela, poesia.

Assim, a abrir, o então estudante de Letras Manuel Filipe (homónimo do pintor coetâneo) tece num ensaio as suas «Considerações sobre a missão do intelectual e o problema da cultura».

Por sua vez, a novela está representada por «A bigorna», trabalho de Frederico Alves.

Quanto à poesia, Joaquim Namorado, com o pseudónimo de Álvaro Bandeira, colabora com o seu «Poema da manhã clara», que mais tarde viria a fazer parte do livro «Incomodidade». Também Manuel da Fonseca dá o seu contributo com o poema «Santas de sofrer». Mário Dionísio publica o «Poema do sacrifício sublime», com indicação de pertencer ao livro inédito «Pregão», título nunca saído. Viria a inserir-se, sim, ligeiramente alterado, nos «Poemas», volume 2 da colecção «Novo Cancioneiro». Ainda no campo da poesia, surge também o poema «Génesis», de Políbio Gomes dos Santos. Com uma pequena alteração dos versos finais, viria a fazer parte do livro «As Três Pessoas», publicado em 1938.

Cumprindo o propósito de recolher depoimentos das figuras representativas da cultura portuguesa de então, os «Cadernos da Juventude» encerram com um inquérito, em que Abel Salazar responde

a «Quais as ideias que em biologia mais interessam à juventude de hoje?».

Estava, assim, erguido o sonho de um punhado de jovens, que a repressão censória iria deitar por terra. Mas, apesar de destruídos sem verem a luz do dia, os *Cadernos da Juventude* iriam ser o ponto de partida para novos voos daquela geração. É ainda Fernando Namora que nos elucida, depois de referir a fogueira «ateada em sua honra nos pátios do governo civil»:

«A partir daí, milagre quase inédito na nossa terra, diversos editores, dos que fazem contas e cobranças, abriram os braços a esses letrados de menos de vinte anos; a partir daí, fundaram-se colecções que deram um cariz diferente à vida intelectual portuguesa; a partir daí, os estímulos proliferaram» (4).

E, de facto, não só os jovens dessa geração publicaram individualmente as suas obras com que foram firmando o seu nome no panorama literário português, como, colectivamente, marcaram uma posição de destaque no panorama editorial de então. Surgem, assim, diversas iniciativas, como a colecção «Novos Prosadores», que inseriu trabalhos de Fernando Namora, Carlos de Oliveira, Vergílio Ferreira, Mário Braga, Mário Donísio, Bastos Xavier, Joaquim Ferrer, João Falcato, Fernando Morgado de Andrade e Tomaz Ribas. Do mesmo modo, e dando, por assim dizer, o nome a essa geração, surgiu a colecção «Novo Cancioneiro», constituída por poemas

(4) NAMORA, Fernando — Um cavaleiro de esperanças, *in* «Um sino na montanha». 4.ª ed. Amadora, Bertrand, 1976.

de Fernando Namora, Mário Dionísio, João José Cochofel, Joaquim Namorado, Álvaro Feijó, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira, Sidónio Muralha, Francisco José Tenreiro, e Políbio Gomes dos Santos. Uma outra colecção a referir foi a «Sob o Signo do Galo», iniciada com «Poesia I», de José Gomes Ferreira, e que deu à estampa obras de Armindo Rodrigues, Carlos de Oliveira, uma «Homenagem Poética a Gomes Leal», com trabalhos de diversos autores, Afonso Duarte, João José Cochofel e José Ferreira Monte.

Era o resultado de um encontro de vontades, de um desejo de afirmação, iniciado timidamente nas frágeis páginas de publicações dispersas, e de que os *Cadernos da Juventude* tinham sido um ponto de chegada e um ponto de partida. E as labaredas que os destruíram viriam, afinal, a alimentar com mais força ainda os anseios de uma geração.

CARLOS SANTARÉM ANDRADE